



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA – CAAB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM – FACL
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

KAMILA DA SILVA SANTOS

A DITADURA MILITAR EXPRESSA NAS CAPAS DA REVISTA VEJA.

**ABAETETUBA - PARÁ
2017**

KAMILA DA SILVA SANTOS

A DITADURA EXPRESSA NAS CAPAS DA REVISTA VEJA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do Título de Licenciatura em Língua Portuguesa. Faculdade de Ciências da linguagem. Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof. Dr^a Rosângela Nogueira

ABAETETUBA /PA

2017

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S237d Santos, Kamila da Silva.
A ditadura militar expressa nas capas da revista veja / Kamila
da Silva Santos. — 2017.
28 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Rosângela do Socorro Nogueira de
Sousa

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2017.

1. Ditadura militar. 2. Estudos crítico do discurso . 3. Capa
de revista. I. Título.

CDD 410

KAMILA DA SILVA SANTOS

A DITADURA EXPRESSA NAS CAPAS DA REVISTA *VEJA*.

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado e aprovado, para a obtenção do título de Licenciado Pleno em Língua Portuguesa pelo corpo docente da Faculdade de Ciências da Linguagem da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Baixo Tocantins.

Abaetetuba, ____ de _____ de _____.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa
Universidade Federal do Pará

Prof. Dr.
Universidade Federal do Pará

Prof. Dr.
Universidade Federal do Pará

RESUMO

O presente trabalho é baseado na teoria da Análise do Discurso Crítica (ACD) e em uma breve investigação histórica do regime ditatorial brasileiro. O objetivo é analisar o modo como os meios de comunicação, em especial às revistas, demonstravam os acontecimentos que atingiam o Brasil na época da Ditadura, buscando refletir sobre a influência ou não do regime nas capas de revistas, já que a censura e repressão fez parte deste período. Nesta perspectiva buscamos ponderar sobre a influência ou não do Regime Militar nas imagens (fotográficas e ilustrativas) veiculadas e de que maneira estas capas afetavam a população que ficava muitas vezes sem saber o que acontecia devido à repressão praticada sobre a população pelas mídias neste período. Foram selecionadas duas (2) capas da revista Veja – Editora Abril..

Palavra Chave: Ditadura Militar; Estudos Crítico do Discurso; Capa de Revista;

SUMÁRIO

1. Introdução	6
2. Contexto histórico.....	7
2.1 Regime Militar Brasileiro.....	7
2.1 Os meios de comunicação na Ditadura	8
3. Metodologia.....	11
3.1 Problemática, objetivos gerais e específicos	11
3.2 Natureza da pesquisa	12
4. Estudos críticos do discurso.....	13
4.1 A teoria do ECD	13
4.2 Controle da mente	14
4.3 Conceituando a imagem	16
4.4 Imagem e discurso nas capas de revista	17
5. Análise das capas de revista da VEJA.	21
Considerações Finais	26
Bibliografia.....	28

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa busca refletir sobre a influência ou não do regime nas capas de revistas, já que a censura e repressão fez parte deste período e tentará entender como a imagem da ditadura era repassada ao público em geral, ou seja, o modo em que os meios de comunicação repassavam para a população a real situação do país. A Revista *Veja* é o semanal de maior circulação, criada por Victor Civita, italiano nascido nos Estados Unidos, que ao completar seus 42 anos mudou-se para o Brasil e lançou a Editora Abril no ano de 1960. Neste período o público tentava compreender as convulsões de um mundo em transformação. Nesse processo a Editora Abril se viu na oportunidade de criar uma revista que oferecesse reflexão e síntese a um público que já não tinha tempo para digerir toda a informação que recebia. Eis que nesse período para o lançamento da revista 1.800 candidatos de todo o país se apresentaram para as 100 vagas de um curso ofertado pela Revista de 3 meses de jornalismo. Destes 100, 50 foram contratados. Assim, a Revista *Veja* foi instalada no sétimo andar do Edifício Abril, preparou 13 edições antes de seu lançamento oficial. A Revista trouxe para o país a inovação da revista semanal nacional de informação.

Segundo o Blog Mundo das Marcas, a revista no primeiro momento provocou um rombo financeiro que ameaçava a sobrevivência da empresa. Em maio de 1969 a publicação começa a superar o rombo financeiro. Na pior fase entre 1975 e 1976 tudo o que era publicado tinha que ser aprovado por um censor. Mesmo com esse difícil fato, a revista foi responsável por algumas das melhores reportagens publicadas como redirecionando as investigações de casos de policiais, e mostrando em uma de suas reportagens como funcionava a máquina repressora do regime militar. A *Veja* abrange o mundo da política, economia, internacional, artes culturais, sempre utilizando uma linguagem clara e atraente. A revista publica média de 10.500 páginas de anúncio por ano, o equivalente a 2,8% do volume total de investimento em publicidade do Brasil segundo o Blog Mundo das Marcas.

No presente trabalho esboçaremos uma análise de 2 (duas) capas da Revista *Veja*, dos anos em que esta viveu e registrou notícias sobre o comando do regime militar; identificando e apresentando nas imagens indícios que caracterizam um discurso. Buscaremos refletir sobre a influência ou não do Regime Militar nas ilustrações (fotos, caricaturas, imagens) veiculadas e como estas capas marcavam a mídia e ao mesmo tempo silenciavam várias informações, pois ao longe desse 20 anos de Ditadura, a censura e a repressão fizeram parte do convívio dos meios de comunicação. O foco da análise é a representação desse regime presentes nas referidas capas; a maneira utilizada por esse meio de comunicação para apresentar este regime à população. Vale ressaltar, que não podemos considerar o texto o único elemento que

produz sentido, visto que em uma capa encontramos o texto propriamente escrito, o contexto imediato, as imagens e o contexto sócio cultural.

Nosso trabalho tem como objetivo específicos, analisar esses elementos (TEXTO E IMAGEM) adotadas pela revista ao poder exercida por ele; observaremos como se interligam os recursos nas capas usadas e a relação com os discursos relacionados á Ditadura Militar. Estudamos as capas da revista Veja por meio das teorias estudadas da Análise do Discurso, verificando como esta se comportava diante da censura e da repressão, observando fundamentalmente os silêncios e as ideologias revelados nos discursos que cada capa apresentava.

Este trabalho está dividido em tópicos para a melhor compreensão. Primeira contextualização histórica, seguido dos Meios de comunicação no período Ditatorial. E o terceiro dissertará sobre a metodologia utilizada para a realização da análise. O seguinte, sobre a Natureza da pesquisa. Logo, teremos a imagem e discurso nas capas de Revista.

2. CONTEXTO HISTÓRICO

2.1 REGIME MILITAR BRASILEIRO

O Brasil mergulha em uma fase da história no dia 1º de abril de 1964, onde foi palco de um golpe de estado que culminou em uma ditadura militar de 21 anos. Durante esse período o país viveu um regime que marcou a nação, foi um longo período de confrontos entre as forças políticas e sociais, conflitos estes que marcaram o povo, e suas intuições. Esse movimento, governo e oposição, utilizaram todos os seus recursos: censura, terrorismo, tortura e guerrilha.

O regime foi implantado no estilo autoritário, sem grandes mobilizações. O movimento popular e os comunistas tinham sido abatidos e não poderiam reagir; a classe dominante aceitava o golpe como coisa inevitável e até benéfica (FAUSTO, 2002: 201 apud Guilherme).

Como sabemos o Regime Militar é instaurado pelo golpe de 1º de Abril. Havia um plano político em que este era marcado pelo autoritarismo, supressão dos direitos constitucionais perseguição política, prisão e tortura dos opositores e pela imposição a censura dos meios de comunicação.

A ditadura Militar brasileira é objeto de inúmeras pesquisas e publicações. Dentre elas, sobressaem as que centram seu caráter repressivo, expondo as razões, o aparato e os métodos utilizados no período para fazer calar qualquer voz opositora. A

censura, a tortura, os assassinatos figuram como resultados mais escabrosos desse período nebulosos (Barros, p.01)

No dia 09 de Abril a Junta Militar editou o Ato Institucional Número Um (AI-1)¹ que estabelecia vários poderes ao governo militar. Um desses poderes era de determinar as eleições indiretas para presidente, que ocorreram em 11 de Abril onde elegeram o Marechal Castelo Branco. O AI-1 promoveu drásticas mudanças na legislação brasileira através de seus onze artigos. Representou também, a porta de entrada da ditadura no Brasil, criando o Serviço Nacional de Informações (SNI), responsável pela espionagem das atividades de agentes e instituições sociais.

A Ditadura Militar durou duas décadas, muitas são as cicatrizes deixadas por esse regime. Nele observaremos como a imprensa apresentava para o povo a situação vivida. Como eram utilizados os recursos na construção das capas de Revista e qual relação tinha com o discurso exposto nessa construção. O que de fato a imprensa podia apresentar para a população? E se este meio de comunicação era favorável ou contra a Ditadura Militar? Embora alguns fatos nunca tenham vindo à tona, o certo é que um dos setores da sociedade que mais sofreu modificações e adaptações às normas vigentes, foi a imprensa brasileira.

2.2 OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA DITADURA

A implantação da imprensa no Brasil foi um processo demorado. Se comparada com países de colonização hispânica, como México e Peru, que no século XVI já possuíam gráficas e tipografias, a imprensa brasileira é nova. Os portugueses temiam que a população tivesse acesso com as letras, pois isso poderia ocasionar movimentos rebeldes dentro do povo, havendo um crescimento de líderes rebeldes na colônia. As tentativas da criação de uma imprensa no Brasil esbarravam sempre em governante

Através do golpe de Estado Getúlio Vargas instituiu o regime ditatorial que se caracteriza como um disfarce aos veículos de comunicação. O presidente implantou no país o DIP2 ele tinha duas funções específicas e de fundamental importância para o governo: censurar os conteúdos que o governo achasse contrários e divulgar de qualquer maneira as ações do governo. Em 1964, o Golpe Militar que tirou João Goulart da presidência para a

¹Ato Institucional; foi decretado no dia 09 de abril de 1964, para promover drásticas mudanças na legislação brasileira. Contém onze artigos, em que um deles estabelecia as eleições indiretas para a Presidência da República.

entrada do Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, submeteu o Brasil mais uma vez a um regime de governo autoritário.

Eis que com este novo governo a censura fica mais forte. Essa atitude faz com que os militares inibam o poder da imprensa, evitando assim represálias/rebeliões. Os militares faziam questão de manter a chamada ordem nacional.

A censura torna-se visível, perceptível e detectável. O governo, oficialmente, negava a existência de censura. Formalmente. De modo que evidenciar jornal no que este é censurado é um ato de coragem e resistência [...] Os editores decidiram que, no espaço destinado às matérias censuradas, saíam poemas de Camões (Os Lusíadas) em O Estado de S.Paulo e receitas culinárias (que não necessariamente resultavam em bons pratos) no Jornal da Tarde (GENTILLI, 2004: p. 94,95 aput Guilherme).

A ditadura militar foi, entre tantos outros fatos notáveis da história do Brasil, o que mais manchou a biografia do nosso país. Durante o Regime Militar todo e qualquer veículo de comunicação deveria ter sua pauta previamente aprovada e sujeita a ispenção local por agentes autorizados. Na época, muitos materiais foram censurados. Em meio a esse regime, os meios de comunicação ficaram impossibilitados de publicar maiores esclarecimentos, assim eles tomavam medidas diversas. O objetivo principal era passar à população a idéia de que o país se encontrava na mais perfeita ordem, os jornais foram calados, obrigados a publicarem desde poesias até receitas no lugar das verdadeiras atrocidades pelas quais o país passava. Algumas publicações deixavam trechos inteiros em branco; outros publicavam receitas culinárias, poemas.

Dessa forma, os jornalistas tinham o objetivo de protestar contra a falta de liberdade de imprensa, e tentavam fazer com que a população encherasse que a censura estava sim existindo, que a imprensa vinha sofrendo e que isso demosntrava que algo de errado estava acontecendo com o País.

A imprensa também “faz a história” presente. As empresas jornalísticas devem ser vistas como partidos de determinados grupos políticos e econômicos, em consonância com seus programas, ou seja, suas interpretações da realidade acabam interferindo no conhecimento que se tem sobre a realidade e na tomada de posições sobre elas. A sua narrativa nunca é neutra e gera interpretações sobre os diversos aspectos da vida humana: seja o macroeconômico, seja o micro-comportamental. Através delas as pessoas tomam posição e circunscrevem suas visões de mundo. Acaba sendo uma forma de manutenção da hegemonia vigente (Silva, 2006, p.02)

A ditadura foi uma época de grande repressão aos meios de comunicação, e a análise do discurso traz portas para que possamos entender algumas imagens que ficam subentendidas dentro das revistas. O golpe militar consumado no dia 1º de abril de 1964 teve

apoio expressivo da imprensa, a exceção do diário *Última Hora*, que permaneceu fiel ao governo deposto. Passando um tempo, eis que surge a reviravolta, muitos desses jornais foram migrando para a oposição, buscando meios para driblar a censura, buscando formas para o vazamento de informação nas entrelinhas.

O momento de início da censura legalizada deu-se simultaneamente com o chamado milagre econômico do regime militar. Este representou o período entre os anos de 1968 e 1973 em que o Brasil foi uma das economias que mais cresceu no mundo. Os militares garantiam a cumplicidade da população brasileira através da censura, isso acontecia, pois os meios de comunicação eram proibidos de divulgar qualquer tipo de notícia referente ao governo, o Estado acompanhava de perto, pois tinha que cuidar da reputação do país, este tinha que garantir a prosperidade da nação. A censura teve um papel fundamental na implantação e na consolidação da ditadura. Ela silenciou uns e serviu a outros. Há aqueles que construíram impérios com este regime. Exaltavam os grandes feitos dos militares, suas conquistas econômicas e pacificação do país. Não se pode deixar cair no esquecimentos, jornais e jornalistas que resistiram ao arbítrio, que estiveram a favor da ditadura militar.

Segundo o Portal de Publicações entre 1968 e 1978 mais de 600 filmes, 500 peças teatrais, vários livros e assuntos escolares foram proibidos pela censura. Mas no campo da produção cultural quem mais sofreu com a repressão foi a Música Popular Brasileira, tratada pelo Estado como causadora do mal à população. Muitos autores foram presos ou expatriados, discos foram vetados ou recolhidos e algumas canções permaneceram desconhecidas do público

Essa efervescência cultural que, de certa maneira, uniu classe artística e imprensa, fez com que o cinturão repressivo dos militares ficasse mais apertado. Mesmo com o perigo constante do exílio, alguns jornalistas ousaram ao desafiar o Regime Militar com jornais, revista e folhetins que expressavam a insatisfação com a então realidade brasileira. (Guilherme, p. 06)

Com o golpe de 1964, os militares faziam questão de manter a chamada “Ordem Nacional”. Eles tinham como objetivo maior da censura e da repressão, o controle da cidadania, que para sua existência necessitava de uma peça chamada “Liberdade de expressão”. Isso fazia uma grande diferença na sociedade, e os militares não queriam despertar esse desejo no povo. O então presidente Artur da Costa e Silva ficou conhecido como sendo o mais repressor dos Atos Institucionais, não que ele tenha sido o único, mas o que mais era autoritário; autorizou no AI-5, a prisão de jornalistas que publicassem conteúdos de oposição ao governo. Essa proibição despertou por parte de alguns jornalistas a

necessidade de se expressar por formas não muito convencionais, embora alguns jornais ainda apresentassem pequenos focos de resistências.

Os aplausos da mídia ao golpe não impediram que, uma vez instalados no poder, os militares desfechassem uma furiosa ofensiva contra participantes do governo deposto e cidadãos acusados de atividades esquerdistas. Jornalistas, professores, intelectuais, cidadãos suspeitos de subversão foram presos e torturados; vários tiveram seus direitos políticos cassados. Rapidamente o golpe que fora saudado como uma revolução revelava a sua verdadeira face. (Audálio Dantas 2014, p. 68)

No dia 03 de agosto, votada pela Assembléia Constituinte é que se deu o Fim da Censura, através da constituição de 1988. Após anos de sua implantação que apresenta o fim de torturas e aprova a liberdade intelectual, de expressão e de imprensa no país, em seu artigo 5º autoriza a demonstração e a manifestação dos ideais de cada indivíduo. O fim do regime militar vem com a eleição indireta de Tancredo Neves e José Sarney, a democracia imperou novamente e a liberdade foi restituída após décadas de despotismo. A censura chegou ao fim, nasceram novos partidos políticos e finalmente alcançamos as eleições presidenciais diretas.

3. METODOLOGIA

Apresentaremos a metodologia basilar para o desenvolvimento do objetivo deste trabalho. A problemática para análise, juntamente com os objetivos gerais e específicos de nosso trabalho serão esboçados. Em seguida o tipo de pesquisa e a metodologia propriamente dita. Logo serão descritos os aspectos escolhidos para análise e, por conseguinte, serão descritos os procedimentos de análise.

Esta é uma pesquisa qualitativa que buscou na Análise do discurso sua base teórica. Por meio da referida teoria e de uma leitura histórica do período ditatorial esta pesquisa se fez necessária. Para a delimitação do corpus deste trabalho selecionamos algumas capas de revistas mais impactantes no nosso ponto de vista. Assim discutiremos e analisaremos de que maneira estas mídias vinculavam a relação capa/imagens e discurso. E como era a maneira que a Ditadura censurava essas propagandas/anúncios.

3.1 PROBLEMÁTICA, OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

Conforme Dijk (2008), sob a ótica de que o discurso, de certa forma, é estruturada por várias dimensões de poder, a questão que nos norteia é: Como estes textos e imagens podem estar inseridos no contexto social, e de que forma, maneira e intenção esses elementos foram usados no período ditatorial?

No intuito de responder a essa pergunta, nosso trabalho tem como objetivo analisar duas (2) capas de revista (as duas da *Veja*) publicadas no período da ditadura militar. No que se refere ao objetivo geral, ressaltamos que o nosso foco de análise são as categorias; texto e imagens, presentes nas capas de revistas, demonstrando como elas passavam para a população o que de fato estava acontecendo com o Brasil; isto é, como os recursos nas capas tinham relação com o discurso exposto.

No que se refere ao objetivo geral ressaltamos que o nosso foco de análise é verificar o modo como os meios de comunicação, em especial às revistas, demonstravam os acontecimentos que atingiam o Brasil na época da Ditadura, observando as categorias, texto e imagem presentes nas capas de revistas, demonstrando de que forma elas passavam para a população o que de fato estava acontecendo no país. Objetivos específicos, identificar como eram articulados e retratados os problemas públicos. Buscamos entender como a imagem da ditadura era repassada ao público em geral.

3.2 NATUREZA DA PESQUISA

A pesquisa a ser realizada neste trabalho se caracterizou por ser de natureza bibliográfica, pois será realizada uma análise das capas do acervo da Revista *Veja*. Materiais documentados em livros, artigos, revistas, páginas da web serão alguns dos materiais utilizados.

“(...) pesquisa bibliográfica é a busca de uma problematização de um projeto de pesquisa a partir de referências publicadas, analisando e discutindo as contribuições culturais e científicas.” (CARVALHO, Daniel; CARNEIRO, Rafael; MARTINS, Helen Fernanda Alves; SARTORATO, Eduardo. Pesquisa Bibliográfica)

Analisaremos tanto as imagens quanto texto, através de bibliografias a confirmaremos as etapas de nossa pesquisa no que concerne a manipulação dos meios de comunicação.

Partindo do texto, encontramos elementos que nele se compõem, tanto na instância formal quanto na discursiva. Os elos que os separam e também os unem mostram que uma análise textual requer, minimamente, uma análise discursiva. Para que haja, então, compreensão plena dessas formações precisamos, primeiramente, entender que o texto é uma junção de conceitos como língua, gênero, discurso, enunciado, co(n) texto etc. atuando simbioticamente. Além disso, outro ponto é o diálogo que se cria entre autor-leitor no ato da leitura, o que faz com que o discurso, advindo do texto, seja reconstituído semanticamente.

(<http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao12>)

Esse trabalho teve como método de coleta de dados as seguintes etapas: revisão bibliográfica, em que segundo Lakatos e Marconi é “um apanhado geral sobre os principais

trabalhos já realizados, revestido de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema” (2003, p.158). Em seguida, elaboração do Referencial Teórico, no qual escolhemos o livro “Discurso e Poder” Dijk (2008), da área de Análise Crítica do Discurso, para subsidiar os conceitos e implicações no processo da análise de nosso trabalho. Após foi realizada a seleção das capas de revistas publicadas pela Revista *Veja* no período do Regime Militar. Logo, foi submetido à análise.

4. ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO

4.1 A TEORIA DO ECD

Teun van Dijk, linguista Holandês deu ao mercado editorial brasileiro mais um livro que foi saudado com simpatia, pois este livre representa uma importante contribuição aos estudos da Análise do Discurso Crítica e com o seu surgimento acrescenta ainda mais o acervo a textos que estão disponíveis em inglês e espanhol. Discurso e Poder acrescenta de forma importante valiosas informações.

Com seu livro, o linguista tenta contribuir para o debate no que se concerne os fundamentos dos Estudos Críticos do Discurso, doravante o desenvolvimento de noções teóricas e aplicações das mesmas em exemplos concretos de análise, tanto de textos escritos como de textos falados retirados de anúncios, da mídia impressa inglesa e americana. As relações entre discurso e poder social levam em conta que esse poder exerce uma forma de controle social se a sua base for constituída de recursos socialmente relevantes.

Van dijk tem por base a definição de que seja *poder* um movimento específico, interessado na formação de teoria e na análise crítica de abuso de poder. Sendo assim, ele estuda as relações de poder dos grupos dominados e seus interesses para compará-las a contextualização discursiva dos grupos dominantes. Em outras palavras, Van Dijk denomina Abuso de poder para a dominação exercida pelas elites simbólicas, pois para o linguista, elas têm acesso privilegiado aos discursos públicos e por isso também controlam a reprodução discursiva dentro da sociedade, ressaltando a dominação na sociedade. O autor conclui que as elites simbólicas controlam a reprodução discursiva da dominação da sociedade nas diversas dimensões das práticas sociais, como na política, na mídia e na ciência.

Vale ressaltar que os Estudos Críticos Discursivos não estão ligados a qualquer tipo de poder, mas especificamente se concentra no abuso de poder, ou seja, nas formas de dominação que resultam desigualdade.

Podemos concluir que os ECD se concentram, em geral, naqueles sistemas e estruturas da fala ou da escrita que podem variar em função de condições sociais relevantes do uso linguístico, ou que podem contribuir para consequências sociais específicas do discurso, tais como influenciar as crenças e ações sociais dos ouvintes e leitores. (...) (Van Dijk, p.14)

Podemos incluir nessas propriedades uma entonação, as propriedades visuais e sonoras, figuras retóricas, descrições de pessoas entre outras. Os ECD estão interessados no estudo crítico de questões e problemas sociais, da desigualdade social, problemas sociais específicos. De outro modo “há nos ECD um aspecto normativo envolvido, uma perspectiva, uma atitude, uma maneira especial de fazer pesquisas sociais relevantes”. O autor afirma que estes estudos tem que servir a sociedade e que se deve continuar fazendo pesquisas nessa área para que haja uma contribuição na diminuição do discurso ideológico hegemônico, isto é, um elemento exercendo poder sobre o outro, em que este apenas produz e reproduz a desigualdade social. Segundo Van Dijk:

(...) pessoas não são livres para falar ou escrever quando, onde, para quem, sobre o que ou como elas querem, mas são parcial ou totalmente controladas pelos outros poderosos, tais como o Estado, a polícia, a mídia ou em uma empresa interessada na supressão da liberdade da escrita e da fala (tipicamente crítica). Ou ao contrário, elas têm que falar ou escrever como são mandadas a falar ou escrever. (Van Dijk, p.18)

Esse controle é difuso em nossa sociedade; há certas restrições de leis. Salienta-se que muitas pessoas têm emprego nos quais são obrigadas a produzir tipos específicos de fala e escrita. Podemos dizer em linhas gerais que, o controle da mente é indireto, uma intencional, mas possível e provável consequência do discurso. Partimos do pressuposto que; se o discurso controla mente, e mentes controlam o discurso, podemos dizer que aquelas pessoa em que se encontram no poder se apropriam primeiramente do discurso para assim controlarem seus “subordinados”, os dominados. Com este livro Van Dijk nos abre caminhos para entendermos o quão valioso é o discurso, e que sabendo usá-lo abriremos várias portas a vida, porém, se não o sabemos, outras pessoas que conhecem a sua importância o utilizará de maneira errônea.

4.2 CONTROLE DA MENTE

Precisamos de uma análise discursiva, social e cognitiva detalhada e sofisticada para cada fase de processo da reprodução. O controle da mente para o autor se dá através do discurso elaborado por aqueles indivíduos que possuem lugar social privilegiado, ou seja, dependendo de que local este indivíduo se encontra/ocupa, este é capaz de manipular o “poder” através do

seu discurso dominando assim o pensamento daqueles que o consideram naquele lugar o portador da verdade; o dono da palavra.

O controle da mente envolve muito mais do que apenas a compreensão da escrita e da fala; envolve também o conhecimento pessoal e social, as experiências prévias, as opiniões pessoais e as atitudes sociais, as ideologias e as normas ou valores, entre outros fatores que desempenham um papel na mudança de mentalidade das pessoas. (p.20)

Ressalta-se que a noção de poder se mostra bastante complexa, esses estudos, entretanto devem focar naquelas dimensões de poder que são diretamente relevantes ao estudo do uso linguístico, do discurso e da comunicação.

A base do poder social é o acesso privilegiado a recursos escassos, entre eles o acesso à comunicação e às diversas formas de discurso públicas. Uma elite pode ter mais ou menos acesso a cada tipo de recurso. O controle da mente é exercido através do discurso, especialmente do discurso público das elites midiáticas, educacionais/acadêmicas e políticas.

Deste modo podemos dizer que o controle da mente é exercido pelo fornecimento de informação limitada ou errada sobre determinado acontecimento para um grupo de pessoas que não possuem acesso a fontes seguras alternativas de informação. O poder dos grupos dominantes permeia as diversas práticas sociais, inclusive o discurso, por meio da ideologia hegemônica. Para os teóricos da ECD não significa uma oposição entre valores e o real, mas sim um elemento constitutivo de nossas vidas. Essa análise busca entender de que maneira essa significação ou construção da realidade serve para manter as relações de dominação e poder dentro de uma sociedade.

As ideologias possuem importância crucial na ECD, pois são compostas de vários aspectos como, sociais, políticos e cognitivos. Temos duas dimensões em relação à dominação de um grupo: a cognitiva e a social. Isso implica que além de controle da mente e de ter acesso privilegiado há recursos sociais valiosos, esses grupos chamados de dominantes podem controlar indiretamente as mentes de outros da sociedade.

Tradicionalmente, o poder social de grupos (classes, organizações) foi definido em termos de seu acesso preferencial a – ou controle sobre – recursos materiais específicos, tais como o capital ou a terra, recursos simbólicos, tais como o conhecimento, a educação ou a fama, ou a força física. (p.23)

Podemos definir como poder simbólico, as formas de poder contemporâneo, isto em termo de acesso preferencial. Segundo Van dijk “Controle do discurso público é controle da mente do público e, portanto, indiretamente, controle do que o público quer e faz”. Desta forma então, muita dessa elite, tais como políticos, jornalistas, escritores, professores, advogados

entre outros, que possuem acesso ao discurso público, são os que devem ser definidos segundo Van Dijk como poderosos segundo esse critério. É comum dizer que o poder é inerentemente “ruim” e que a análise de discurso e poder são por definição uma análise crítica. Podemos dizer que isso é uma concepção limitada.

O poder, óbvia e trivialmente, pode ser usado para muitos propósitos neutros ou positivos, como quando os pais e professores educam crianças, a mídia nos informa, os políticos nos governam, a polícia nos protege e os médicos nos curam – cada um com seus recursos especiais. (p.27)

Assim a ressaltamos que a sociedade não funcionaria se não houvesse ordem, relações de peso e contrapeso. Os ECD tentam discernir as estruturas sociais, somente assim podemos examinar o abuso de poder, como ele pode prejudicar as pessoas, a sociedade, e de que maneira essa desigualdade social pode ser produzida e reproduzida no dia a dia de cada cidadão. Todavia, entenderemos de que forma esse poder é desigualmente distribuído em nossa sociedade.

4.3 CONCEITUANDO A IMAGEM

Para entendermos uma imagem, é necessário desenvolver a observação dos aspectos: traços, cores, contornos constitutivos presentes no interior de cada imagem. Desvendar, procurar entender o que há por trás de cada uma, assim como qualquer texto escrito, a imagem também pode produzir várias leituras, dependendo de quem a olhe e como a olhe. Nessa pesquisa, olharemos para as imagens que compõe as capas selecionadas da revista Veja, com algumas questões chaves. Tais como: o que essa imagem representa ou apresenta; como elas são produzidas; como os modelos estéticos são colocados nas imagens para a melhor compreensão do leitor.

Trabalhar com desenhos, charges e caricaturas como fonte histórica tem sido um caminho explorado por alguns historiadores. Segundo Rosa Maria Barbosa, “a caricatura lembra ao historiador a importância dada por contemporâneos a eventos que poderiam parecer insignificantes, apontando a relação entre os fatos, a manifestação popular e a opinião pública” (Rosa Barbosa, apud Maria Paula, Izabei Silva, Desirree Santos p. 09)

Segundo os filósofos, a imagem representada nas telas/capas (explícito ou visível) poderia esconder inúmeras mensagens, tantos religiosos quanto moral, por meio de disfarces nas cenas do cotidiano. Panos Fsky acreditava que, ao analisarmos as formas identificáveis presentes nas imagens como os objetos, situações e gestos, se tornaria mais prático e fácil resolver o problema do desvelamento do conteúdo que a imagem carrega. Dessa forma, seria possível entender a realidade a qual a imagem faz menção. Toda e qualquer imagem carrega

dentro de si um “segredo” independente do que será feito, este enigma se esconde por traz dessa aparência critérios minuciosos com o intuito de moldar os pensamentos e comportamentos.

Na publicidade atual, a imagem é presença importante e praticamente obrigatória. Elas sugerem o que devemos valorizar fazer ou desejar. (...) A arte era compreendida como uma forma de propaganda política. Através das artes, eram discutidos problemas sociais brasileiros, propagava-se a idéia de liberdade e experimentação aos moldes do movimento da contracultura internacional, debatiam-se as propostas de luta política das esquerdas do país e, ainda, criticava-se e combatia-se a ditadura. (Livro Ditadura Militar, p. 35)

As imagens podem representar varias características como; enigma, testemunho, narrativas, memórias e reflexo. Cada uma traz a capacidade de provocar algum sentimento no leitor, na pessoa para quem essa imagem é apresentada. Pode-se dizer que a imagem é a presença do agora.

Segundo Almeida 2004, as imagens têm um grau forte de “realidade”, isto é, no sentido de que o que cada pessoa está lendo, é mais do que parece ser. Assim, observa-se a importância de se trabalhar e valorizar as imagens impressas nos livros, revistas e jornais. Vale salientar que ao se analisar essas imagens, o lado “pesquisador” será aguçado, tentando desvendar os segredos guardados, ocultos presentes nas imagens. “Assim, a leitura de uma imagem é uma aventura em que cognição e sensibilidade se interpenetram na busca de significados, lançando múltiplos olhares sobre o mesmo objeto.” (Pillar, 2006).

Desta forma devemos interpretar a imagem para se entender como ela transmite mensagens. Ela representa algo e precisa ser lida, pois a imagem ajuda a construir sentidos para o que se observa.

4.4 IMAGEM E DISCURSO NAS CAPAS DE REVISTA

O estudo da capa da revista, como discurso produzido pelo não verbal, abre possibilidades de entendimento dos elementos visuais, podemos chamá-los de operadores do discurso. Ao considerarmos a imagem como texto, permitimos fazer a análise de discurso, entretanto, faz-se necessário ter-se bem esclarecido, nas palavras de Maingueneau (2002) que “um texto publicitário, é fundamentalmente imagem e palavra; nele, até o verbo se faz imagem” (MAINGUENEAU, 2002, p.12 aput. Eliana Santos). Assim sendo, além de analisar as imagens, almejamos analisar o discurso apresentado na capa.

A política e a mídia são uns dos exemplos que podemos citar, pois sem dúvida essa relação se influencia mutuamente e controlam uma a outra. Isso acontece pelo fato de elas

serem controladas por interesses comerciais fundamentais, como forma de controle de classe, grupos ou organizações.

A análise do discurso não foge das ramificações históricas, o período ditatorial brasileiro se tornou uma grande fonte de análises. Foram quase vinte anos de muita opressão e, apesar de tanta censura, este período foi uma época de muita criatividade.

A imprensa tem papel destacado nos consensos estabelecidos sobre o que foi a Ditadura durante sua existência. Os textos jornalísticos trazem uma visão da história como uma concepção complexa para os historiadores visto que, são concepções historiográficas e políticas poucos assumidas. Chamamos a atenção para a questão discursiva, em que há o zelo com a utilização das palavras ambíguas na busca de se construir um sentido. Observamos essa característica no período da Ditadura que desde o início se colocava “Democrática”, expressão de uma revolução. Neste contexto, a Ditadura se dá em nome da democratização e do suposto risco de um golpe. Podemos esperar que a mídia nos informe sobre os distúrbios civis, mas nos perguntamos; quando exatamente essa informação se transforma em “preconceito”. O abuso de poder nada mais é do que, o uso ilegítimo do poder. Ou seja, a violação de normas e valores fundamentais no interesse daqueles que têm o poder propriamente dito, e vai de contra aos interesses dos outros.

Vale salientar que os jornalistas sabem e devem saber das consequências possíveis das suas reportagens tendenciosas sobre a minoria, desta forma devem ter o cuidado para com o respeito das normas gerais da reportagem profissional. Isso não significa que os jornalistas devem fechar os olhos para o que este grupo minoritário faz; delitos entre outros, mas devem aplicar suas próprias normas profissionais.

Muitos políticos e jornalistas se defendem de algumas acusações ao dizer que eles não possuem o poder de controlar aquilo que cada leitor compreende ou interpreta em relação ao discurso elaborado nas reportagens. Isto de fato tem relevância, pois “não há uma relação causal entre o discurso e sua interpretação (...)” (p.32). Porém, apesar dessa variação individual e contextual, não significa que o discurso em si é irrelevante nos processos de influencias em relação ao preconceito e as ideologias.

Fazer os Estudo Crítico Discursivo nos abre caminhos para entender que eles podem e devem intervir na educação discursiva de profissionais para mostrar como estes discursos proferidos pela elite, tem influencia nas mentes dos cidadãos e como esta, exerce uma papel importante na reprodução desta estrutura social. “Ser consciente das consequências do seu próprio discurso (e de qualquer ação publica) é uma das condições de responsabilidade, como

também ocorre no que se refere ao nosso conhecimento acerca dos efeitos de produtos químicos sobre ambiente.” (Van Dijk 2008. p.34)

Este ensino também é relevante para cidadãos em geral, pois com este estudo podem aprender a serem mais consciente acerca dos propósitos das elites discursivas e como este discurso tem influencia em nosso cotidiano. Esta é uma das principais metas sociais e práticas dos ECD, desenvolvendo estruturas discursivas de disseminação e resistência.

O poder é exercido e expresso diretamente por meio do acesso diferenciado aos vários gêneros, conteúdos e estilos do discurso. Esse controle pode ser analisado de modo mais sistemático nas formas de (re)produção do discurso, especificamente em termos de sua produção material, articulação, distribuição e influência.(Van Dijk 2008. p.44)

Assim observamos as empresas de comunicação que utilizam um “poder” sobre o gênero discursivo, por exemplo, as TVs, no mercado editorial, indústrias de comunicação e telecomunicações, elas muitas vezes financeiramente, podem influenciar/controlar parcialmente os conteúdos ou a maior parte dos conteúdos públicos. Esta elite tem o acesso mais eficaz de letramento e poder sobre tal, usando muitas vezes este dito poder para influenciar a vida de muitos indivíduos que tiram um pouco do seu tempo para lerem suas reportagens com o intuito de ficarem informados, quando em muitos casos o que se observa é a manipulação destes discursos com o meio de “informar desinformando” os grupos minoritários através de palavras ambíguas e texto com duplo sentido, repetição o argumentação, isto é, a fabrica dos mecanismos retóricos. A voz da elite segundo Van Dijk é frequentemente voz do Patrão.

Nos meios de comunicação jornalísticos, essa estratégia de controle do conhecimento exerce-se por meio da seleção restritiva de assuntos e, mais geralmente, por meio de reconstruções específicas das realidades sociais e políticas. (...) Esse processo é dirigido por um sistema de valores e de ideologias profissionais sobre as notícias e sobre o que deve ou não ser notícia, algo que costuma direcionar o foco e o interesse para vários dos participantes da elite: atores, grupos, classes, instituições, países e regiões (...) (Van Dijk, p.50)

No setor educacional também percebemos essa estratégias, em que o currículo e o livro didático, e acrescentamos as aulas também, são dirigidas por objetivos e estratégias de aprendizagem. Concluímos desta forma que, a elite simbólica que detêm a “função” de controlar o estilo e os conteúdos do discurso midiático e educacional são também as que detêm o controle parcial na sociedade sobre as reproduções ideológicas.

Já as imagens possuem dois espaços determinantes para a percepção: o olhar do autor ou de quem a produz, e de quem a recebe. Diversas representações podem ser produzidas por

indivíduos que participam do mesmo tempo histórico e mesmo grupo cultural, eles podem criar vários significados e sentidos. Interpretar as imagens é um fator fundamental, pois assim compreenderemos melhor o que de fato está sendo abordado direta ou indiretamente. Assim, a interpretação toma conta do “tentar fazer compreender” a um público, indivíduo ou sociedade, aquilo que foi dito ou escrito. Podemos dizer que a interpretação é uma relação estabelecida entre o texto ou expressão original, ou até mesmo da expressão que surge durante o ato de interpretar.

Uma forma de verificar a abordagem do autor é aferir as intenções do produtor ou do autor ao elaborar um quadro, foto ou até mesmo produzir imagem para um filme. Nesse momento seria para tratar sobre a ideologia que o levaram para produzir esta imagem. A análise da imagem pressupõe escolhas a serem feitas, a iconologia pode nos oferecer um campo conceitual importantíssimo para assim compreendermos os mecanismos de produção e construção dos significados. Mas o que seria essa Iconologia?

Conceituaremos brevemente os termos acima citados para a melhor compreensão. Os termos iconografia e iconologia foram relançados no universo da história da arte durante as décadas de 1920 e 1930. O uso desses termos na área artística se dá como forma de reação à análise formal de pinturas em que estas privilegiavam as composições e as cores das telas. Os iconografistas (segundo Burck 2004 p. 44 apud Rosana Rufiet) afixavam a idéia de que “as pinturas não são concebidas simplesmente para serem observadas, mas também para serem lidas”. Isto é, os iconografistas buscavam enfatizar o conteúdo intelectual das imagens.

Alguns estudiosos defendiam a idéia que as obras de artes podiam esconder várias mensagens de cunho religioso ou moral por meio de simbolismo disfarçado por detrás das cenas do nosso cotidiano. Dessa forma partimos da idéia de que toda imagem carrega consigo um enigma, e que este se esconde por trás da aparência pura e simples, assim: “A iconografia seria a responsável pela reconstituição dos elementos visíveis que compõem a fotografia, enquanto ficaria a cargo da iconologia uma minuciosa recuperação das informações codificadas (invisíveis) dentro desta imagem.” (Rosana Rufiet p.4)

Nesse momento se faz necessário o mergulho na cena retratada na imagem, foto, para a compreensão do momento retratado. Acreditasse que a análise das imagens constitui um campo a ser desenvolvido e que ela é a investigação do conteúdo exterior (iconografia). Já a iconologia é a investigação da realidade interior, é o desvendamento da trama, da história retratada no ato da foto, é a avaliação da dimensão cultural e ideológica.

Situa-se no nível da imagem, a interpretação iconológica tem aí seu ponto de partida e estende-se além do documento visível, além da chamada evidência documental.

Trata-se da recuperação de diferentes camadas de significação. A interpretação iconológica se desenvolve na esfera das idéias, das mentalidades. (KOSSOY, 2007, p.55-56aput. Rosana Rufiet).

Com este raciocínio observa-se a necessidade de contextualização das imagens selecionadas, pois elas sozinhas não dão conta de oferecer as informações sobre o passado. Concluimos que é necessário o estudo das imagens, pois elas carregam muita informação explícita e implícita, porém elas também devem ser bem elaboradas. Em uma capa de revista que o foco dessa análise é necessário que a imagem selecionada tenha informações a contribuir a cerca do texto que estará vinculada. Toda informação é válida e necessária. No período da ditadura observou-se que muitas revistas e jornais “abusavam” das imagens para mostrar ao povo o que de fato acontecia no país, e nelas continha informação que muitos não entendiam, ficava nas entrelinhas.

5. ANÁLISE DAS CAPAS DE REVISTA DA VEJA.

Partimos da idéia de que a história não é somente o estudo do passado, mas também pode ser o estudo do presente. A grande imprensa/mídia dita opiniões e exerce influencia no campo das decisões políticas e sociais. Neste sentido além da grande importância da história, discutiremos também a o papel da imprensa. Como afirma Carla Silva:

A imprensa também “faz a história” presente. As empresas jornalísticas devem ser vistas como partidos de determinados grupos políticos e econômicos, em consonância com seus programas, ou seja, suas interpretações da realidade acabam interferindo no conhecimento que se tem sobre a realidade e na tomada de posições sobre elas. A sua narrativa nunca é neutra e gera interpretações sobre os diversos aspectos da vida humana: seja o macroeconômico, seja o micro-comportamental. Através delas as pessoas tomam posição e circunscrevem suas visões de mundo. Acaba sendo uma forma de manutenção da hegemonia vigente (Silva, 2006, p. 2. aput. Edina Rautenberg).

Assim, podemos compreender os interesses econômicos e empresariais, visão de mundo, projetos políticos entre outros. A imprensa torna-se fator importante na luta dos dominantes fazendo com que as classes dominadas, absorvam as informações e ideologias repassadas pela grande mídia recoberta de uma suposta neutralidade. A Revista Veja atende a um grande grupo e exigente tais como, estudantes de Ensino Médio, acadêmicos, profissionais liberais, ou seja, esta voltada para o público jovem e adulto, também é utilizada como material de pesquisa por demonstrar a seriedade nas suas reportagens. Para compor o corpo da reportagem a revista conta com a ajuda dos infográficos, as fotografias, porém vale ressaltar que muitas deles têm caráter ilustrativo. A utilização desses recursos é de suma importância que chega a ocupar grande parte das capas até maior do que o próprio texto.

Assim podemos afirmar que as capas de revistas constituem um gênero textual, logo, desempenham uma função social, são textos materializados.

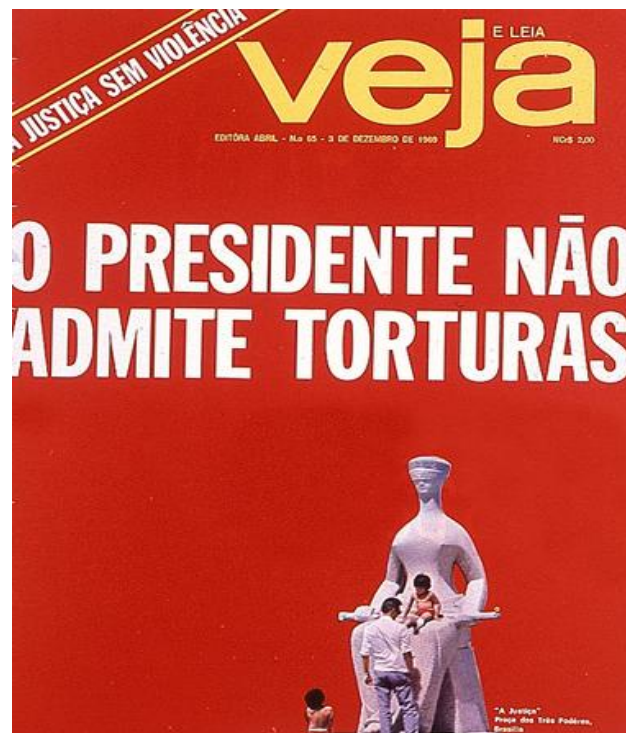
Desde que surgiu, em 1968, a revista *Veja* tem apostado em uma estrutura de capa monotemática: uma foto ou ilustração de fundo e uma chamada (manchete que sintetiza o assunto e que pode ser formada apenas pelo título ou ter o acompanhamento de outros elementos verbais característicos do jornalismo, como subtítulo, legenda, chapéu – que é uma palavra ou expressão que antecede o título para, indicando o assunto, conduzir a leitura da chamada), e, eventualmente, um segundo assunto em destaque na tarja diagonal no seu canto superior esquerdo (conhecido como orelha) (...). (Guimarães 2004, p. 123-124 apud. Ilana Viegas)

Contudo, o nome da Revista é fixo e sempre se encontra localizado no alto da página com letras em tamanho maior. Outros elementos variam de lugar/disposição de acordo com a elaboração da capa. Acima do nome da revista encontram-se; a data, o número da edição e o valor do exemplar constituindo assim, um único grupo. Os textos das mídias fazem parte do rol dos gêneros sugeridos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para serem utilizados pelos alunos. Com o intuito de desenvolverem em sala de aula o estímulo a prática social do aluno da leitura e também levá-lo a integrasse ao meio social em que este aluno vive, fazendo com que ele se torne um cidadão consciente e participativo, pois uma vez que se entende o que está escrito nas entrelinhas das capas de revistas, este aluno possa tomar consciência do contexto histórico, social e político econômico em que vive. Assim, vale ressaltar a importância de se levar para dentro deste ambiente de ensino o gênero textual para dinamizar a rotina das aulas e também cativar, explanar e motivar este aluno para ver a sua realidade com outros olhos, com um olhar crítico a respeito daquilo que lhe é passado através de manchetes e até mesmo reportagens com interesses alheios.

Uma capa de revista, além atrair a atenção do leitor, tem a responsabilidade de expor os assuntos de forma concisa, responsável e de acordo com a ordem de interesse deste leitor, tem o dever também de comunicar outras reportagens que serão abordadas na revista, com isto; imagens, cores, formatos de letras, a disposição e o tamanho dos textos verbais, e, ainda a harmonia existente entre signos verbais e não verbais, se unem em um anúncio com um único propósito: compor uma linguagem plena com o intuito de chegar ao leitor de forma clara e objetiva; o objetivo maior é a comunicação com o público alvo.

Todo anúncio publicitário é regido pelo rigor das respostas programadas e deve observar as características gerais e específicas do perfil do público-alvo da campanha. (...) A construção do discurso, dessa forma, é elaborada a partir de um número de possibilidades em que algumas qualidades e valores desse perfil, em média, e seu repertório são definidos pelas pesquisas de mercado. (KOZLAKOWSKI 2011, p. 5 apud. Rosimeire Alecrin Nara Maria Sgarbi)

A análise das capas focalizará na manchete (notícia) e os elementos que se associam a ela. Buscando maneiras de analisar cientificamente a manchete e as imagens da capa da revista semanal Veja, utilizaremos o Estudo Crítico do Discurso como primeira teoria. Desta forma, analisaremos o discurso produzido pelo não verbal e pelo verbal. Consideramos neste estudo a imagem fazendo parte do texto, dando e reforçando informações a manchete no período ditatorial. Isto é, analisaremos as capas de revista com o objetivo de compreender tanto a linguagem verbal como a não verbal.



Fonte: Revista VEJA - n° 65 - 3 dezembro 1969.
Disponível em: <<http://google.imagens-veja>> Acesso em 28/02/2017

A revista Veja com data 03 de dezembro de 1969, dá destaque em sua capa exclusivamente para um assunto; A Ditadura Militar. A revista apresenta os principais assuntos discutidos pela mídia. A imagem da escultura da **A JUSTIÇA** com uma criança no colo, um homem em pé, olhando para o alto. Podemos definir a análise do discurso por novas maneiras de ler, colocando o que falamos em relação ao não dito, explorando o olhar ao leitor.

Na parte superior, em letras grandes e maiúsculas, a manchete: **O PRESIDENTE NÃO ADMITE TORTURAS**. Em um dos lados, em letras menores: **A JUSTIÇA SEM VIOLÊNCIA**. As cores que prevalecem são branco e vermelho. O fundo da capa toda em vermelho. As letras da manchete em branco.

O assunto da capa como podemos observar envolve o período ditatorial, porém a revista assume a postura de mostrar ao povo qual posicionamento tomado pelo o presidente mediante a esta situação. A mensagem que a capa quer transmitir vai depender do conhecimento do leitor. Por meio da capa pode-se perceber que a revista deve acompanhar o fato e deve ir além.

A capa da revista chama a atenção para dois tons: branco e vermelho. O vermelho escuro no plano de fundo nos remete a simbologia do, vigor, liderança, coragem. E levando em consideração ao período em que o país estava vivendo a cor vermelha também poderia simbolizar o “sangue” derramado por muitos nas torturas que aconteceram neste período da história.

A letra da manchete em caixa alta na cor branca remete a simplicidade, pureza, “paz”, pois como está em evidencia, a revista mostra a oposição do presidente em questão as torturas. Ele (o presidente) não admitia, não aceitava torturas. Assim, um símbolo não demonstra um único e exclusivo significado, algo em particular, mas sim, pode direcionar a tantos outros. Cada leitor fará uma análise diferenciada do outro, pois cada um tem um conhecimento específico diferenciado do mundo. O que podemos observar nesta capa em especial é que a revista *Veja*, de certa forma tenta manipular as opiniões da população em relação ao caráter do então presidente, fazendo com que o povo pensasse e analisasse se ele realmente estava de acordo ou desacordo com inúmeras torturas que aconteceram neste período.

Já a edição nº 42 trás na sua capa o nome da revista na cor preta, o plano de fundo na cor laranja. E a imagem principal um telefone da época, nele contem outros objetos carregados de significados; um punhado de fio entrelaçado, fitas sobre a parte superior do telefone, e um “desabafo” deste objeto, atribuição de um pensamento a ele, que por ventura se caracteriza por ser a manchete: Sou surda muda e nem ligo.

Esta abordagem se apresenta de forma irônica e humorística, pois de fato naquela situação o aparelho telefônico não poderia exercer sua função, conseqüentemente ele não faria ligações. Esta capa nos demonstra como a imagem escolhida para compor a capa das revistas.



Fonte: Revista VEJA - n° 42 - 25 de junho 1969.
 Disponível em: <<http://google.imagens-revista-veja>>
 Acesso em 28/02/2017

Não é escolhida meramente. Cada uma possui um significado específico para o momento vivido. Assim, no período em que esta capa foi idealizada podemos chegar à algumas conclusões, tais como: o telefone sugere as pessoas em que não se manifestavam mediante ao medo, resignação do período vivido mas, também podemos relacionar com a própria revista, que poderia de maneira implícita dizer ao povo que neste momento ela (a revista) não opinaria pelo o que estava acontecendo no país, por isso se declarava surda e muda. Logo em baixo dessa imagem, com letra em caixa alta na cor preta vem escrito: **SERÁ SEMPRE ASSIM?**

Podemos relacionar que esta interrogação sugere ao período ditatorial. Será que o povo sempre ficará “calado” a tantas atrocidades em volta. Por outro lado, entende-se que esse “surdo e mudo” não é algo que cada pessoa deseja, mas sim, é algo imposto, forçado, pois quando observamos o telefone, identificamos objetos que atrapalham sua principal função que é de fazer ligações, ligações estas que podemos dizer de modo figurado com se impor ao regime. O simbolismo dessa imagem é algo grandioso, podemos chegar a inúmeras conclusões, mas todos nos levam a crê como a imprensa trabalhava, usava e abusada das mídias, imagens para tratar sobre o assunto, como através de fotos ou ilustrações se chegava a informações importantes.

A linguagem utilizada nos anúncios publicitários é um vasto campo de análise, pois além de serem ricas em linguagens não verbais, as inúmeras mensagens transmitidas pela linguagem verbal requer interpretação e investigação intertextual. Os anúncios são cheios de significação e estética imaginária, pois são carregados de texto verbais e não verbais com o objetivo de informar e persuadir o leitor, alcançando assim uma comunicação com quem lê.

A cor preta, que encontramos na imagem do telefone representa a “morte”, morte esta da democracia, de tantas pessoas torturas, morte dos seus desejos oprimidos por um período que não dava ao povo voz e vez. A cor laranja escuro, ao fundo da imagem, representa a insegurança, desconfiança, desprezo. Isso nos remete ao momento vivido pela população naquele momento. Desconfiança do governo, estado. A população já não sabia em quem confiar, e esta cor nos faz entender como estava esse clima vivo na cabeça do povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da Análise realizada, conclui-se que a ACD é de fundamental importância no diagnóstico para a avaliação da dominação do poder. Os meios de comunicação são instrumentos que despertam no leitor o interesse para quem lê. Exerceram grandes influências sobre seus interlocutores no período ditatorial. A imprensa cria no leitor um senso crítico e pessoal que por vezes se manifesta contra o poder do estado. Por esse motivo, no período da Ditadura Militar a imprensa se deparou com a censura e perseguição que fizeram com que este meio torna-se instrumento de utilidade pública. Pode-se dizer que, este é um instrumento de formação de opinião; ele manifesta no leitor, variadas influências; manipula, muda o cotidiano e possui o caráter idealizador. Por esses motivos, o poder público brasileiro procurou sempre controlá-lo.

Desta forma, os meios de comunicação, em particular a Revista *Veja*, no período Ditatorial, apresentava para a população somente o que o poder público gostaria que este soubesse. O governo, por sua vez, reprimia e proibia a circulação de alguns jornais, revistas, não permitia nenhum tipo de oposição. Assim, as capas da Revista *Veja*, “não” representavam o que de fato estava acontecendo no país. O objetivo do governo era de passar uma idéia de união nacional com o intuito de dominar a população em massa através das mídias (meios de comunicação).

A influência do Regime nas capas de Revista foi muito intensa. Com a implantação do DIP os meios de comunicação tinham seus conteúdos censurados quando o governo achasse contrário e tinham que divulgar de qualquer forma as ações do governo.

Essa pesquisa buscou entender se houve ou não influencia do Regime Militar nas capas de Revistas, e conclui-se que, o governo articulava meios de manipular o que era exposto na mídia. Com isso observou-se como a população era enganada por falsas verdades e como a publicidade sofria por não ter o seu direito de mostrar à população a veracidade dos fatos. Vale ressaltar que, mesmo com a criação do DIP alguns meios de comunicação como, jornais, revistas, folhetins etc, ficavam insatisfeitos com essa situação de manipulação dos seus conteúdos, das matérias que seriam expostas ao público. Assim eles, organizavam estratégias para burlarem a censura como já fora abordado no trabalho.

Essas análises foram de suma importância para demonstrar o grau de responsabilidade das imagens selecionadas para compor uma reportagem. Elas podem falar tão ou mais do que as palavras, basta que haja um olhar sensato e crítico para os detalhes nelas expressos.

Portanto, esperamos que esta análise possa de alguma forma auxiliar futuros trabalhos para os profissionais de Língua Materna do ensino Médio, pois aborda as análises de características básicas da constituição de uma imagem assim como; cor, estilo e tamanho da letra utilizada, pessoas e monumentos. Todos esses detalhes podem nos dar o direcionamento de como ler (interpretar) esta imagem. Com este entendimento, o aluno que está se preparando para prestar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) pode utilizar deste modelo de análise para sua melhor compreensão das questões abordadas, visto que este exame contém variadas imagens em seu contexto.

Devemos lembrar que para o estudo da reprodução do poder e dominação, o processo da reprodução tem por estruturas e estratégias o acesso, “quem controla”, o que pode ou não ser dito. As imagens que serão utilizadas e como serão usadas. O discurso é aquele que objetiva uma influência preponderante, o poder e o domínio sobre o outro. Em suma, esperamos que nossa pesquisa contribua e possibilite auxílios em futuros trabalhos em análises críticas do discurso. Não basta somente ter em sua “vitrine/capa” a apresentação do tema central; o que importa é o choque que esta fará. O leitor esperar emoção ao ler a revista e ela por sua vez, promete isso. A capa é como se fosse à embalagem de outros produtos, por isso remete tanto trabalho e esforço dos profissionais, sempre dosando informação verbal e visual.

BIBLIOGRAFIA

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto. 2008

_____. **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva**. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

VICENTE, Tania Aparecida. **Metodologia da análise de imagens**. Universidade Federal Fluminense.

FONTES PESQUISADAS

ABREU, Alexandre; ALMEIDA, Marcelina das Graças. **A revista veja e o terrorismo, uma interpretação dos anos 60**. Disponível em: <[http:// http://periodicos.estacio.br/index.php/.](http://http://periodicos.estacio.br/index.php/)>. Acesso em: 27 fev. 2017, 23:20:25.

ALECRIN, Rosimeire; QUEVEDOSGARBI, Nara Maria. **A linguagem semiótica presente em capas da revista Veja**. *Interletras*, volume 3, Edição número 18, outubro 2013/março.2014. Disponível em: <www.unigran.br/interletras/ed_anteriores/n18/artigos/2.docx >. Acesso em: 27 fev. 2017, 22:13:15.

CALEFFI, Renata. **A ditadura sob a ótica das capas das revistas**. Disponível em: <http://www.unicentro.br/pesquisa/anais/seminario/pesquisa2008/pdf/artigo_740.doc >. Acesso em: 27 fev. 2017, 23:45:30.

DIAS, Cadu. **Revista Veja**. Mundo das marcas. Blogger, jun, 2009. Disponível em: <<http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/2006/08/revista-veja-indispensvel.html>> Acesso em: 08 abr. 2017, 23:20:12.

ZANINI, Guilherme Rafael. **Jornal pato macho: o humor como antídoto ao regime militar**. Monografia. Santa Maria, RS, 2007. Centro Universitário Franciscano. Disponível em: <[http:// https://lapecior.files.wordpress.com/2011/04/monografia-guilherme-oficial.pdf](http://https://lapecior.files.wordpress.com/2011/04/monografia-guilherme-oficial.pdf) >. Acesso em: 28 fev. 2017, 20:15:25.

NASCIMENTO, Evany. **IMAGEM: Uma construção semiótica**. Slideshare, 2010. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/evanyascimento/oficina-imagem>>. Acesso em: 08abr. 2017, 10:29:23.

UNFRIED , Rosana Aparecida. **O uso da iconografia e da iconologia para a análise de fotografias e recuperação da história de Londrina**. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem – ENCOI, 2014, Londrina, PR.GT 7. Disponível em: <<http://http://www.uel.br/eventos/encoi/anais/TRABALHOS/GT7/O%20USO%20DA%20ICONOGRAFIA%20E%20DA%20ICONOLOGIA.pdf> >. Acesso em: 02 mar. 2017, 21:35:12.